

A mulher no espaço rural de Naviraí-MS: êxodo ou permanência

Anderson Bem¹

RESUMO

As mulheres desempenham papel fundamental na dinâmica de reprodução social no espaço rural, em especial nas unidades de produção familiar. Nas últimas três décadas o êxodo rural vem apresentando algumas peculiaridades no Brasil, deixando de ser um movimento uniforme e em grande escala e passa ser mais seletivo. Essa seletividade tem produzido uma tendência manifestada nos recentes levantamentos populacionais oficiais do IBGE em âmbito nacional, com algumas distorções, no envelhecimento e masculinização da população rural. A presente investigação assenta-se em pesquisa de campo no município de Naviraí, Mato Grosso do Sul, tendo como objetivo identificar a tendência de êxodo ou permanência das mulheres no espaço rural.

Palavras-chave: população feminina, migração, geração de renda.

MUJERES EN EL ESPACIO RURAL DE NAVIRAÍ-MS: ÉXODO O PERMANENCIA

RESUMEN

Las mujeres juegan un papel fundamental en la dinámica de la reproducción social en el espacio rural, especialmente en las unidades de producción familiar. En las últimas tres décadas el éxodo rural ha ido mostrando algunas peculiaridades en Brasil, dejando de ser un movimiento uniforme y de gran escala para volverse más selectivo. Esta selectividad ha producido una tendencia manifestada en las recientes encuestas oficiales de población del IBGE a nivel nacional, con algunas distorsiones, en el envejecimiento y masculinización de la población rural. La presente investigación se basa en una investigación de campo en el municipio de Naviraí, Mato Grosso do Sul, con el objetivo de identificar la tendencia de éxodo o permanencia de las mujeres en el espacio rural.

Palabras clave: población femenina, migración, generación de ingresos.

¹ Professor Doutor do IFMS, Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Naviraí-MS.
E-mail: anderson.bem@ifms.edu.br

Introdução

As mulheres têm papel importante nas comunidades rurais, em especial nas pequenas propriedades agrícolas onde predomina as relações de produção do tipo familiar. Com advento da globalização econômica, os espaços agrários, antes mais isolados, passam a ser integrados pelo meio técnico-científico informacional (SANTOS, 1997). Assim, não só do ponto de vista produtivo, mas também, do ponto de vista político, social e cultural, se processa transformações envolvendo expectativas dos sujeitos, passando por desejos de permanência e ruptura.

O caráter seletivo do êxodo rural, demonstrado nos últimos Censos demográficos do IBGE, onde a migração rural-urbana é mais intensa entre os jovens e acentua-se ainda mais no segmento feminino, coloca em debate as condições futuras de reprodução da agricultura familiar no que concerne a sucessão na propriedade agrícola.

A tendência do êxodo rural das jovens mulheres passa por causas complexas que tem relação direta com o papel da mulher na organização social desse segmento. A geração de renda é praticamente um desafio para todos os pequenos agricultores do país, pois indica a quantidade de membros que podem se reproduzir existencialmente pela renda da terra.

De acordo com os dados oficiais assiste-se uma diminuição da população feminina no campo nas diversas regiões do país. Essa diminuição da população feminina no campo, bem como o envelhecimento populacional tem se revelado como tendência em várias regiões do país, principalmente, aquelas em que há maior índice de mecanização e de monocultivos. A população rural no Brasil tem diminuído gradualmente desde a década de 1960. Apesar da intensidade do êxodo ter diminuído nas últimas décadas, entre 1991 a 2010, mais de 6 milhões de pessoas deixaram o espaço rural.

Esse fenômeno tem sido abordado com uma tendência seletiva do êxodo rural brasileiro, onde se evidencia o envelhecimento e a masculinização no espaço rural. “São cada vez mais os jovens que vêm deixando o meio rural e entre estes é preponderante a participação das mulheres” (CAMARANO e ABRAMOVAY, 1998, p.46).

Maia e Buainain (2015) observam que além do envelhecimento da população rural, há um aumento crescente da razão de gênero. “No agregado da população rural, a razão entre gêneros passou de 1,078 em 1991 para 1,101 em 2010. Isso significa que havia 78 homens a mais para cada 1000 mulheres nas áreas rurais em 1991, contra 101 em 2010”.

A dinâmica do trabalho e as condições econômicas são diferentes no espaço rural quando comparados ao espaço urbano. O espaço rural tradicional é concebido do ponto de vista antropológico e sociológico, como um lugar mais autoritário e hierárquico do ponto de vista das relações familiares, como o papel do homem e da mulher na dinâmica das atividades produtivas. Segundo Brandão (1990), nas sociedades agrárias tradicionais há lugares e ambientes mais femininos ou mais masculinos, como exemplo a casa é feminina e a lavoura é masculina, esses aspectos peculiares fazem parte do mundo rural.

A peculiaridade das relações tecidas no espaço rural, em específico, da agricultura familiar perpassa pela questão da terra e sua importância para a reprodução social deste segmento social. A questão sucessória e a herança apresentam-se articuladas com anseios e conflitos dentro da família “correspondem geralmente a um estado de organização social na agricultura familiar no qual práticas sucessórias e matrimoniais encontram-se articuladas, implicando numa forte adesão de regras personificadas nos pais e sogros” (BRUMER e ANJOS, 2008, p. 14).

As práticas sucessórias muitas vezes abrem espaço para que as filhas se casem com outros proprietários de terras, ou ainda, procurem uma ruptura, ao escolher casar-se com um pretendente do espaço urbano.

Outra questão colocada no cenário atual de transformações na agropecuária, mediante o emprego constante de tecnologia e inovações para se produzir alimentos, é a redução da mão de obra, fato que pressiona a migração do campo para cidade. Para Froehlich et al. (2011, p.1675) “as mulheres jovens, atualmente, formam o principal estrato social que empreende um êxodo rural seletivo. A modernização agrícola parece ter diminuído seu papel nas atividades produtivas no meio rural”.

As condições específicas da reprodução social da agricultura familiar, bem como o papel da mulher no interior dessa organização produtiva abre espaço para permanências e rupturas, passando desde o papel da mulher e a busca de seu protagonismo na tomada de decisões e geração renda, bem como, a possibilidade de ascensão social por meio de profissões não agrícolas, fato que demonstra o caráter seletivo do êxodo rural.

Brumer (2004) destaca a questão da invisibilidade de alguns sujeitos, em especial dos jovens e das mulheres e sua relação direta com as dificuldades de geração de renda em algumas pequenas propriedades agrícolas.

A seletividade da migração por idade e sexo pode ser explicada, em grande parte, pela falta de oportunidades existentes no meio rural para a inserção dos jovens, de forma independente da tutela dos pais; pela forma como ocorre a divisão do trabalho no interior dos estabelecimentos agropecuários e pela relativa invisibilidade do trabalho executado por crianças, jovens e mulheres (...) (BRUMER, 2004, p. 210).

Na pesquisa busca-se identificar aspectos que demonstram estratégias de permanência ou de ruptura da mulher no espaço agrário de Naviraí, Mato Grosso do Sul.

Materiais e Métodos

A pesquisa realizou-se por meio de análise descritiva e exploratória com intuito de caracterizar um determinado grupo populacional, no caso específico, a população feminina residente no espaço rural de Naviraí, Mato Grosso do Sul. Como instrumento de coleta de dados fez-se uso de aplicação de questionário-entrevista individual semiestruturado (GIL, 2006).

O questionário-entrevista foi construído seguindo um roteiro de perguntas por eixos temáticos: história de vida, núcleo familiar, escolaridade, geração de renda e expectativas para o futuro. Objetivo da aplicação de questionário-entrevista foi captar um pouco da realidade e da fala das mulheres do espaço rural de Naviraí-MS.

Foram entrevistas ao longo da pesquisa as mulheres de assentamentos rurais, de pequenas propriedades de agricultura familiar, e também, trabalhadoras e estudantes residentes em fazendas patronais. As pesquisas a campo aconteceram entre o período de agosto de 2019 a fevereiro de 2020, totalizando 30 mulheres entrevistadas.

O Espaço rural de Naviraí: organização econômica e evolução populacional

A história de formação espacial de Naviraí tem relação direta com a Colonizadora Vera Cruz Limitada que em 1952 adquiriu duas glebas terras correspondendo a uma área total

de 18.997 hectares. Com intuito de comercialização de lotes rurais, a colonizadora Vera Cruz apresentou em julho de 1952 a planta urbana da cidade.

A valorização da planta da cidade, denominada na época como moderna “tinha como intenção aumentar a venda dos lotes rurais, pois quanto maior e moderna fosse a cidade, mais fácil seriam comercializados os lotes rurais” (GONÇALVES, 2015, p. 51).

Gonçalves (2015) destaca que grande parte dos lotes foi vendida para proprietários dos Estados do Paraná e de São Paulo. As vendas eram realizadas por corretores de vários estados, dentre estes corretores havia diversas nacionalidades: espanhola, japonesa, italiana e brasileira. As primeiras famílias oriundas da colonização chegaram em 1952. Em 1960 Naviraí, ainda distrito, apresentava uma população total de 3.386 habitantes.

O início dos anos de 1950 e também a década de 1960 culminaram com a retirada de grande parte das matas naturais, que passam a abastecer o ciclo local da madeira, este por sua vez passa a determinar a velocidade da expansão da fronteira agrícola. A conquista da terra processava-se pelo corte contínuo de árvores, fato que possibilitava a inserção de novas áreas para a agricultura e a pecuária. Gonçalves (2015) destaca que as famílias eram atraídas à Naviraí pela possibilidade de terem uma área maior de terras para ampliarem o cultivo do café.

Todavia, as geadas da década de 1950 frearam o ímpeto desses novos agricultores. A abertura de novas serrarias continuava em Naviraí, chegando ao número de 79 nos anos de 1980 (GONÇALVES, 2015). O Censo demográfico de 1970 registrava um incremento populacional de quase 20 mil pessoas, sendo 7.706 na área urbana e 15.472 na área rural, totalizando 23.178 habitantes.

Em 1980 a população urbana já ultrapassa a população rural, fato que já demonstrava o surgimento de atividades terciárias no município e aumento da área urbanizada. A crise originada com fim do ciclo da madeira já na metade da década de 1980 e também a modernização agrícola, são fatos associados que produziram o aumento do êxodo rural.

A tendência pós década de 1990 consolidaria Naviraí como um polo de atração regional, dependente de centros regionais maiores como Dourados, Campo Grande, Umarama, Cascavel e Maringá. A população rural de Naviraí diminuiu de 5.478 habitantes em 1991 para 3.569 habitantes em 2010. Essa redução só não foi maior porque em 2001 foi implantado um Assentamento da Reforma Agrária pelo INCRA, contabilizando num total de 110 famílias assentadas (INCRA, 2015).

Ressalta-se que a conjuntura a nível regional e nacional já sinalizava o aumento do êxodo rural na década de 1980. A crise do setor madeireiro, associada à modernização agrícola e a permanência de áreas grandes de pastagens e, sem perspectivas de fracionamento de grandes áreas, “fechava as portas” para a permanência da população rural.

O uso do solo em Naviraí passaria por modificações no início do século XXI devido à conjuntura internacional de valorização do preço da soja. De acordo com dados do IBGE, a produção de soja em Naviraí saltaria de 7.504 toneladas no ano de 2000 para 103.535 toneladas no ano de 2005; e 205.660 toneladas no ano de 2015. Já a produção de cana-de-açúcar passaria a diminuir a partir de 2010 com 661.000 toneladas e em 2015 registraria apenas 94.154 toneladas. A produção de algodão também despencaria de 5.853 toneladas em 2005 para apenas 290 toneladas em 2010 e nos anos posteriores, vindo a desaparecer das paisagens rurais de Naviraí.

Na nova configuração do espaço agrário de Naviraí, a utilização atual do solo leva em conta a demanda da escala internacional, no caso da soja e dos bovinos, da escala regional e nacional, no caso do milho que é usado principalmente para abastecer o mercado interno e para servir como componente de ração animal para bovinos, aves e suínos. A produção de cana-de-açúcar e a mandioca atendem a demanda da agroindústria local, sendo que o último

cultivo também se destina ao consumo local-regional. A produção de leite de vaca e de hortaliças é uma atividade fundamental para a reprodução local das pequenas propriedades agrícolas.

Resultados e Discussões

A condição das mulheres no campo é bem diferente dos aspectos/características das mulheres no espaço urbano tanto em nível de autonomia quanto na escolaridade. De acordo com o Censo agropecuário do IBGE de 2017 apenas 36 dos 442 estabelecimentos agropecuários eram dirigidos por mulheres. Do total de pessoas ocupadas no campo com laços de parentesco, as mulheres somam apenas 25,98%, ou seja, para cada mulher ocupada há três homens.

Esse ambiente de desigualdade de oportunidades pode ser percebido no êxodo rural feminino. Quando dá realização das entrevistas, encontrou-se poucas mulheres da faixa de 23 a 33 anos (figura 1), esse fato pode ser uma constatação que essa geração de mulheres, já migrou para as cidades.

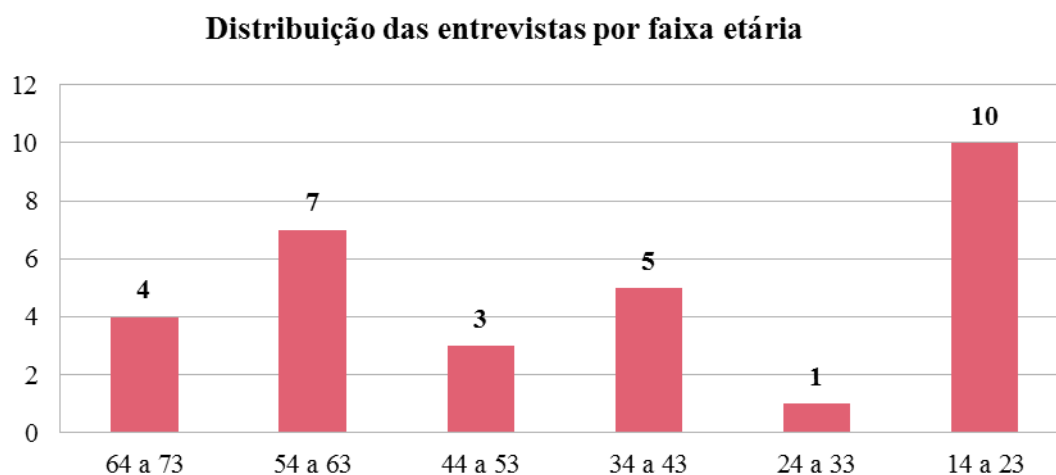


Figura 1: Gráfico de Distribuição das entrevistadas por faixa etária

Fonte: Trabalhos de campo realizados em Naviraí-MS. Época: Agosto de 2019 a Fevereiro de 2020.

As classes foram divididas com intervalo de 10 anos, sendo a mulher mais nova entrevistada tendo 14 anos e a mais velha 73 anos. Nota-se na figura 1 uma presença maior de mulheres jovens com menos de 23 anos e no outro extremo, as mulheres com mais de 54 anos. Pode-se antecipar o cenário, afirmando que as jovens ainda estão no campo pelo fato de estar cursando o Ensino Médio na cidade e, acreditam as entrevistadas, que a conclusão dessa etapa de estudos, possa facilitar o seu ingresso no mercado de trabalho ou na continuação dos estudos de nível superior, residindo na cidade.

Na figura 2, também está presente essa diferença entre as gerações. As mulheres com mais de 50 anos apresentam baixo grau de escolaridade, enquanto as mais jovens frequentam o Ensino Médio e almejam cursar o Ensino Superior.

Escolaridade das Mulheres entrevistadas no Espaço Rural de Naviraí-MS

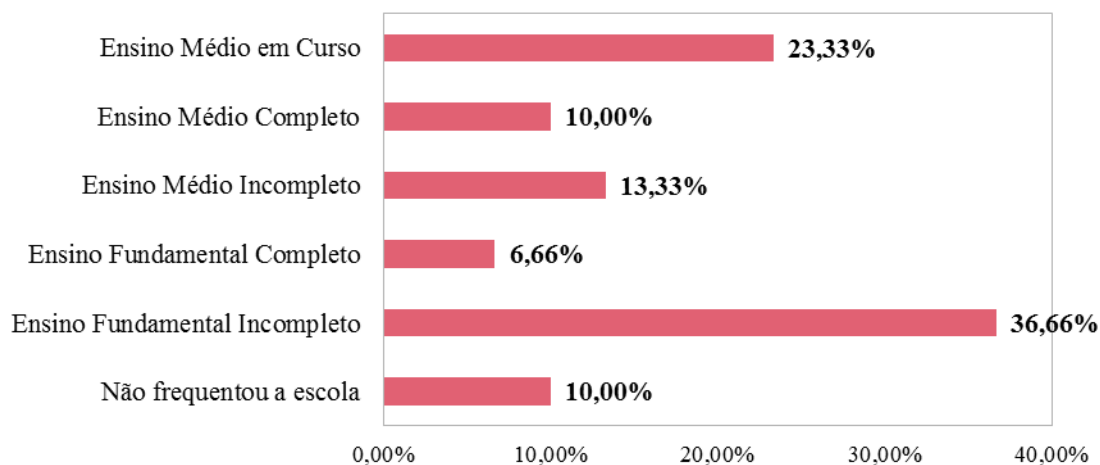


Figura 2: Gráfico de Escolaridade das mulheres entrevistadas no Espaço rural de Naviraí-MS

Fonte: Trabalhos de campo realizados em Naviraí-MS. Época: Agosto de 2019 a Fevereiro de 2020.

Em relação a exploração do lote e rendimentos, a mulher desempenha papel fundamental na organização da propriedade agrícola familiar. Algumas delas integram grupos e projetos, como a AMAJU (Associação de Mulheres do Assentamento Juncal), uma associação que produz e vende doces por meio de canais de comercialização criados pelo governo federal (PAA – Programa de Aquisição de Alimentos e PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar).

Há um grande número de aposentados no campo e também que recebem pensões e bolsa família. Constatou-se que esses benefícios são a principal renda para cerca de 40% das famílias de pequenos agricultores (Figura 3). Em apenas 13,34% das unidades de produção familiar verificou-se o trabalho fora do lote para complementar a renda mensal, isso geralmente acontece como forma de garantir a reprodução de pequenos proprietários de terra no capitalismo (BERNSTEIN, 2011).

Geração de renda no Espaço Rural de Naviraí-MS

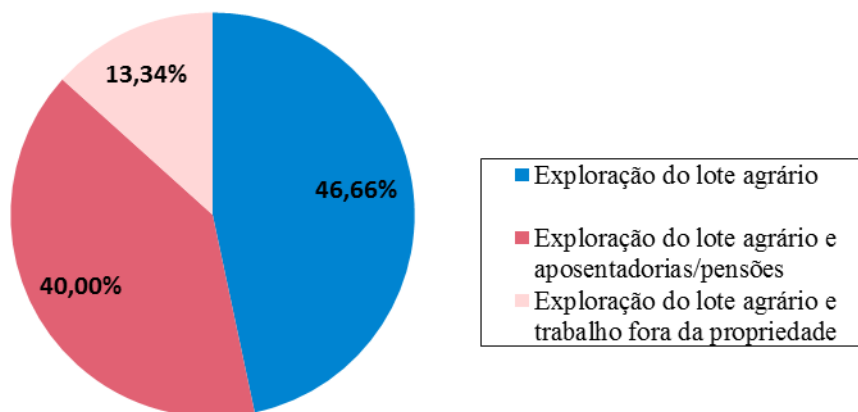


Figura 3: Gráfico de Geração de renda no Espaço Rural de Naviraí-MS

Fonte: Trabalhos de campo realizados em Naviraí-MS. Época: Agosto de 2019 a Fevereiro de 2020

A geração de renda no campo é um desafio, principalmente, quando a família vai aumentando, os filhos crescem e começam a estudar. Os jovens ambicionam condições melhores de vida, algo que muitas vezes não é possível no campo.

Segundo as entrevistadas, elas acham que a desigualdade de gênero está diminuindo no campo. Todas as mulheres entrevistadas argumentaram também que participam na tomada de decisões na propriedade. Em alguns casos (28,57% das entrevistadas) notamos uma divisão mais rígida das tarefas, onde o homem cuida do trabalho na terra e a mulher cuida somente dos afazeres domésticos e da horta. Todavia, 71,43% das mulheres entrevistadas atestaram que participam das atividades de lavoura e que os homens também ajudam nos afazeres de casa. Pela fala das entrevistadas, observou-se uma sinergia maior de colaboração entre os gêneros homem e mulher.

Quanto à pergunta central da pesquisa, observou-se novamente uma divisão de gerações em relação às escolhas futuras. As mulheres com menos de 33 anos são aquelas em sua maioria que desejam migrar para a cidade em busca de oportunidades. Já as com mais de 33 anos veem o campo não apenas como um local de residência, mas sim um modo de vida.

Perspectivas futuras das mulheres no campo em Naviraí-MS

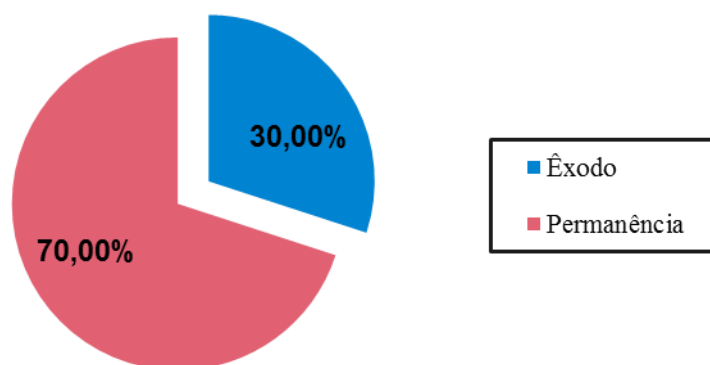


Figura 4: Gráfico sobre as perspectivas futuras das mulheres no campo em Naviraí-MS

Fonte: Trabalhos de campo realizados em Naviraí-MS. Época: Agosto de 2019 a Fevereiro de 2020.

As mulheres jovens representam maioria dos 30% de tendência ao êxodo, sinalizando a falta de oportunidades no campo, o que também corrobora com pesquisas nacionais e internacionais sobre o envelhecimento e diminuição da população rural. O espaço rural carece de políticas públicas para a melhoria ou construção de objetos técnicos como estradas, pontes, escolas, postos de saúde.

As mulheres que optaram pela permanência, em geral, mulheres com mais de 33 anos, possuem uma identidade com o campo, este que simboliza para elas um espaço de liberdade, de segurança, tranquilidade e identidade, na relação com a natureza, no cultivo de plantas e criação de animais.

Esse fato nos remete as peculiaridades do espaço rural, um lugar com “... características mais naturais do que o urbano, que é produzido a partir de uma multiplicidade de usos nos quais a terra ou o “espaço natural” aparecem como um fator primordial...” (MARQUES, 2002, p. 109).

Considerações Finais

A condição das mulheres do campo em Naviraí expressa na sua materialidade as suas especificidades *sui generis*, fato que demonstra a necessidade de revisão constante da teoria em seu contato com as realidades que vão se apresentando ao olho clínico do pesquisador.

Camarano e Abramovay (1998) destacam o êxodo seletivo no espaço rural, especialmente de jovens e mulheres. Na pesquisa podemos constatar uma presença significativa das mulheres no campo, com a propensão de migrar mais acentuada entre as mulheres mais jovens.

Verificou-se na pesquisa duas tendências em relação ao êxodo ou a permanência:

Tendência 1: Mulheres com mais de 33 anos. Esse grupo apresentou uma tendência de permanência no campo. Em geral são mulheres que já tiveram experiências de trabalho na cidade ou sempre residiram no campo. O nível de escolaridade predominante é o Ensino fundamental incompleto e algumas com idade mais avançada recebem aposentadoria. Entre as que recebem aposentadoria, houve uma argumentação consistente que não há perspectivas futuras de residirem na cidade. A permanência das mulheres mais idosas vai de encontro com a relação do sujeito com o espaço rural, de um modo de vida peculiar, que foi sintetizada nas falas das entrevistadas nas palavras: tranquilidade, paz, fartura, lida com os animais e com a terra.

Tendência 2: Mulheres com menos de 33 anos. Esse grupo é marcado pelo predomínio de mulheres que cursaram ou estão cursando o Ensino Médio. Para parcela grande desse grupo o êxodo rural é uma forma de busca de qualificação profissional e de inserção no mercado de trabalho. A lógica de reprodução social reproduz uma visão da divisão social do trabalho e dos setores econômicos que é cristalizada na constatação que é preciso estudar para sair do campo e talvez retornar no futuro sobre outras bases materiais e financeiras. Há também, um grupo minoritário que reside no campo, mas não gosta do trabalho rural, neste caso, a migração representa uma forma transposição de um espaço para a realização de projeto futuro de vida no espaço urbano.

Referências bibliográficas

BERNSTEIN, H. **Dinâmicas de classe da mudança agrária**. Tradução de Beatriz Medina. São Paulo: UNESP, 2011.

BRANDÃO, C. R. **O trabalho de Saber: cultura camponesa e escola rural**. São Paulo: FTD, 1990.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande Do Sul. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(1): 360, jan-abr. 2004.

BRUMER, A; ANJOS, G. dos. Gênero e reprodução social na agricultura familiar. In: **Revista Nera**. Presidente Prudente, n.12, jan-jun, 2008.

CAMARANO, A. A; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Brasília, v.15, n.2, p. 45-65, 1998.

FROELICH, J. M. *et. al.* Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento populacional na região central do RS. **Revista Ciência Rural**. Santa Maria. V. 41 n.9. p. 1674-1680, set., 2011.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5e. São Paulo: Atlas, 2006.

Bem, Anderson. *A mulher no espaço rural de Naviraí-MS: êxodo ou permanência*. Revista Pantaneira, V. 17, UFMS, Aquidauana-MS, 2020.

GONÇALVES, D. *A Colonizadora Vera Cruz Mato Grosso Limitada e a formação de Naviraí*. Dissertação (Dissertação em História)- UFGD, Dourados, 2015.

IBGE. **Censo Agropecuário de 2017**. Rio de Janeiro, IBGE, 2019.

_____. **Censos Agropecuários**. 1975, 1985, 1996, 2006. Rio de Janeiro.

_____. **Censos Demográficos**. 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. Rio de Janeiro.

MAIA, A. G; BUAINAIN, A. M. O novo mapa da população rural brasileira. In: **Revista Confins**. n.25, 2015.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. In: **Revista Terra Livre**. Ano 18 n. 19. jul/dez 2002. São Paulo.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo, Edusp, 1997.